

O Brasil não é o Marrocos...

Mas política econômica dos últimos 4 anos leva para caminhos pouco otimistas, dizem analistas

Aline Salgado

aline.salgado@brasileconomico.com.br

Eduardo Miranda

eduardo.miranda@brasileconomico.com.br

O rebaixamento do Brasil no rating de análise de riscos da agência americana Standard & Poor's, com nota de crédito soberano BBB-, colocou o país no mesmo patamar que Marrocos, Índia e Espanha, distintas economias, mas com iguais níveis de vulnerabilidade. Para analistas, o único elo entre esses quatro países é a fraqueza com que suas economias se mostram no curto e médio prazo. No caso brasileiro, o rebaixamento é um alerta de que a política econômica dos últimos quatro anos não está no melhor dos caminhos.

Quando analisados os indicadores dos demais países com a mesma nota BBB-, observa-se que no quesito taxa de desemprego, o Brasil está em situação bem menos vulnerável que a Espanha. E o PIB nacional é aproximadamente 20 vezes maior que o de Marrocos. Mas, como explica Christian Lohbauer, membro do Grupo de Análise da Conjuntura Internacional (GACInt) da USP, as avaliações não são meramente estatísticas.

“Nessa avaliação da S&P, o que está em jogo é a consistência, a manutenção e a harmonia das políticas públicas. Apesar de a Espanha estar com o corda no pescoço, ela vem desde 2009 seguindo uma cartilha de recuperação econômica. Além disso, os analistas não olham para uma Espanha independente da Europa, mas para um país inserido na União Europeia, onde existe um banco central europeu que, por sua vez, segue uma política econômica euro-

peia. Eles sabem o colchão de euros que aquele continente possui, conseguem enxergar estabilidade ali”, explica Lohbauer.

“A nota BBB- da S&P foi um punção de orelhas à equipe econômica do governo Dilma”, avalia Silvío Campos de Melo, economista da Tendências Consultorias.

“Não podemos esquecer que continuamos com um grau de investimento, que recomenda o país como destino de aplicações. Mas a S&P fez um alerta, como quem diz ‘comporte-se direito, conduza a política de forma adequada para não ser rebaixado efetivamente’. Os impactos poderão ser mais fortes”, emenda Otto Nogueira, do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper).

Para Silvío Campos, apesar de o país não estar em crise, por conta das boas reservas cambiais e das contas públicas ainda em ordem, nos últimos quatro anos o Brasil vem assistindo ao que ele chama de deterioração dos indicadores. “Há uma piora da economia no ponto de vista dinâmico”, resume Melo.

Outro ponto que fatalmente pesou na análise dos técnicos da Standard & Poor's, segundo Nogueira, foi a pouca transparência com que o governo vem cuidando dos indicadores econômicos, em especial da inflação.

“Para mascarar o excesso de gastos, o governo começou a usar subterfúgios. Criou receitas ‘maquiadas’ para poder obter e justificar o resultado que havia prometido no início do ano, como a interferência no preço da tarifa de energia elétrica e a proibição do repasse da alta nos preços dos barris de petróleo, pela Petrobras, para os postos. Essas atitudes criaram um mal-estar para os analistas internacionais e uma dúvida se o governo brasileiro está sendo sério na condução da política econômica”, observa Nogueira.

QUADRO COMPARATIVO - 2013

	Brasil	Espanha	Marrocos	Índia
Crescimento do PIB	2,30%	-1,20%	4,4%	3,32%
PIB nominal (US\$ trilhões)	2,20	1,30	0,105	1,90
Inflação anual	5,91%	0,30%	1,90%	10,92%
Investimento FBCF (% do PIB)	18,40%	17%	34,70%	30%
Dívida Pública (% do PIB)	33,80%	94,05%	61,70%	67,00%
Exportações (% do PIB)	2,50%	5,00%	1,40%	25,20%
Importações (% do PIB)	8,40%	0,30%	0,70%	-31,80%
Desemprego	4,30%	26,40%	9,10%	8,80%
População (milhões)	201.032	46.609	32.900	1.263.49

Fontes:

Fundo Monetário Internacional (FMI)

Câmara de Comércio Árabe-Brasileira

Câmara de Comércio Índia - Brasil

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Embaixada da Espanha no Brasil